

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A TRANSLITERAÇÃO DOS NOMES ÁRABES.

VELOSO, Francisco José

Ano: 1955 | Número: 65

Como citar este documento:

VELOSO, Francisco José, A transliteração dos nomes árabes. *Revista de Guimarães*, 65 (3-4) Jul.-Dez. 1955, p. 353-360.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A transliteração dos nomes árabes

PELO DR. FRANCISCO JOSÉ VELOZO
da Academia Galega e da Sociedade Martins-Sarmiento

Quase não há um arabista que não tenha método próprio de grafar os nomes árabes, o que não poucos embaraços causa ao estudioso. Para os leigos, afigura-se em regra melhor a ortografia mais arvevesada... Mas é sabido que, não utilizando os árabes o alfabeto latino, nem o grego, aliás cada um deles insuficiente para traduzir os fonemas arábicos, cumpre ter em atenção, antes de mais, o público a que se destina a transcrição ou transliteração. Para um português, um inglês, um francês, a letra *j* pronuncia-se de maneira totalmente diversa do que sucede para um espanhol, — que lhe dá um som gutural, — ou para um italiano ou alemão, — que lhe dão o de *i*. E não merece a pena alongarmo-nos em exemplos, que a todos são patentes, como o caso do *x*, correspondente ao inglês *sh* e ao francês *ch*: o grupo português *ch*, embora geralmente (sobretudo no Sul de Portugal) soe como *x*, tem ainda em algumas regiões a norte do Tejo uma pronúncia dura — *tx* — que equivale à galega e à espanhola do mesmo grupo *ch*.

Assim, é necessário saber para que idioma se fez a transcrição ou a quem se destina a transliteração.

O sistema a seguir apontado visa servir os que falam o português, e que portanto devem ter em conta a pronúncia desta língua, e não outra qualquer.

Ele resulta da combinação de vários sistemas: o de David Lopes, no seu fundamental estudo *Os Arabes na obra de Alexandre Herculano* (1), o de José Pedro Machado, intitulado *O problema da transcrição portuguesa do alfabeto árabe* (2), e ainda o de José de Esaguy, pequeno trabalho de divulgação, *Vocabulário português-árabe (pronúncia figurada)* (3).

Antes de mais cumpre notar que o problema da transcrição portuguesa dos nomes árabes não se pode confundir com o da transliteração. Assim o ensinou já David Lopes, nos seus *Rudimentos de Gramática Árabe* (4).

A transcrição dá-nos a pronúncia aproximada, em português, do termo árabe, sem preocupação de reproduzir precisamente cada letra arábica em caracteres latinos. É a transcrição e não a transliteração que se deve usar em trabalhos históricos, na literatura, etc., reservando-se a segunda, a transliteração, para a filologia, que necessita de ter presentes os fonemas originais em caracteres acessíveis (visto que o alfabeto árabe de poucos é conhecido fora dos países árabes).

A transliteração e a transcrição coincidem porém, enquanto uma e outra devem corresponder à pronúncia e à correcção gramatical árabe quanto possível. Deste modo, não será lícito introduzir naquelas, sob qualquer pretexto, sistemas de união ou de separação de palavras que não existam em árabe. Consequentemente o artigo *al*, a proposição *bi* («em»), etc. não podem separar-se do nome a que andam ligados em árabe, podendo no entanto usar-se o hífen para os destacar na palavra composta com eles: *al-mançor*; *bi-cemi* . . . O hífen tem a vantagem de

(1) No *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. III-IV, 1910-1911.

(2) Na revista *Las Ciencias*, de Madrid, ano VIII, n.º 1.

(3) *Pequena guia de conversação, locuções, etc.*, Lisboa, 1935.

(4) Nova edição, Lisboa, 1935.

evitar por exemplo a leitura *lh*, quando a *al* se siga um nome começado por *h*.

Por outro lado, embora tenhamos, por exemplo, na nossa toponímia o nome Bensafrim não deveremos escrever em transcrição ou transliteração *ben* (filho) senão separado do nome a que se refere, porque assim se faz em árabe.

Deixemos portanto a transcrição, que se afigura mais simples, — aconselhando-se aos interessados no assunto a consulta das citadas obras de David Lopes, cujo método seguimos em geral, — para encarar a transliteração, o problema mais grave e mais difícil.

Da transcrição de David Lopes dissentimos apenas quanto ao emprego da letra *s*, que tem em português nos finais de palavra, ainda, um som que em regra se aproxima do *x*, e conserva mesmo em algumas províncias o mesmo som (chamado de *s* românico); preferimos o emprego de *c* seguido de *e* ou *i* ou o emprego de *ç* antes de *o* ou *a* (Çafi, por ex.), com as correspondentes vocalizações, pois para a transcrição isso nada importa (assim *bi-cemi* e não *biçmi*, grafia bárbara, nem *bi-smi* « em nome de », por exemplo), por não afectar a pronúncia. Também entendemos que se deve respeitar a distinção do *n* e do *m*: portanto *Hânebal*, e não *Hanbal*, grafia bárbara, nem *Hambal*. E preferimos sempre a letra *k*, usada em português a par *c* e *qu*: de afastar, aquela por ser dupla a sua pronúncia, esta forma por se compor de duas letras, que não têm correspondentes em árabe.

Passemos agora à transliteração, objecto principal deste nosso trabalho.

Para melhor compreensão das soluções propostas, apresentamos adiante a *Tabela das consoantes árabes, nome, pronúncia e valor*, que o saudoso Professor David Lopes fornece a páginas 4 e 5 dos já citados *Rudimentos*.

As nossas sugestões reportar-se-ão aos números de ordem com que vão precedidas as letras do alfabeto na tabela referida:

	Nome	Figura				Pronúncia	Transliteração	Transcrição
		Desligada	Ligada à anterior ou final	Ligada à anterior e à posterior ou média	Ligada à posterior ou inicial			
1	Álfe	ا	ل	-	-	voz tenuíssima	ʾ	-
2	Bá	ب	ب	ب	ب	b	b	b
3	Tá	ت	ت	ت	ت	t	t	t
4	Tá	ث	ث	ث	ث	como o <i>th</i> inglês de <i>thing</i>	ṯ	t
5	Gime	ج	ج	ج	ج	como o <i>gi</i> italiano de <i>giorno</i> .	ǧ	j (ge, gi)
6	Há	ح	ح	ح	ح	h muito aspirado	ḥ	h
7	Há	خ	خ	خ	خ	como o <i>j</i> castelhano de <i>mujer</i> .	ḫ	c (qu-)
8	Dal	د	د	-	-	d	d	d
9	Dal	ذ	ذ	-	-	como o <i>th</i> inglês de <i>that</i>	ḏ	d
10	Rá	ر	ر	-	-	r	r	r
11	Zá	ز	ز	-	-	z	z	z
12	Cine	س	س	س	س	ç	s	ç
13	Xine	ش	ش	ش	ش	x	š	x
14	Çade	ص	ص	ص	ص	ç línguo-palatal	s	ç

TABELA DAS CONSOANTES

	Nome	Figura				Pronúncia	Transliteração	Transcrição
		Desligada	Ligada à anterior ou final	Ligada à anterior e à posterior ou média	Ligada à posterior ou inicial			
15	Dade	د	د	د	د	d línguo-palatal	d	d
16	Tá	ط	ط	ط	ط	t línguo-palatal	t	t
17	Zá	ظ	ظ	ظ	ظ	z línguo-palatal	z	z
18	Aine	ع	ع	*	ع	voz emitida com a parte superior da laringe comprimida.	ʿ	-
19	Gaine	غ	غ	*	غ	g muito gutural	g	g (gu-)
20	Fá	ف	ف	ف	ف	f	f	f
21	Cafe	ق	ق	ق	ق	c muito gutural	q	c (qu-)
22	Cafe	ك	ك	ك	ك	c	k	c (qu-)
23	Lame	ل	ل	ل	ل	l	l	l
24	Mime	م	م	م	م	m	m	m
25	Nune	ن	ن	ن	ن	n	n	n
26	Ha	ه	ه	ه	ه	h aspirado	h	h
27	Uau	و	و	-	-	u	w	u
28	Iá	ي	ي	ي	ي	i	y	i

ÁRABES, NOME, PRONÚNCIA E VALOR

(Segundo David Lopes)

A transliteração dada pelo Mestre dos arabistas portugueses é aqui a chamada *internacional*. Não me parece de aceitar, visto que, segundo tantas vezes ouvi ao Prof. David Lopes, só é acessível a quem souber o árabe... e portanto é de preferir o próprio alfabeto árabe, que não oferece dúvidas.

O que se pretende é um método sóbrio, acessível mesmo aos que não conheçam o árabe, para figurarem a sua pronúncia.

Ora para isso impõe-se, tendo em atenção tudo quanto acima fica dito, um sistema simples e evidente. Temos de afastar as letras dobradas, que nada significam, como *kh*, *gh*, para representar uma só letra árabe. O leitor é levado a supor que as duas letras existem no árabe também. Mais: não representam o fonema árabe melhor do que vamos tentar fazer por outro processo.

Desde que procuremos fazer corresponder a cada letra árabe uma outra na transcrição, e não aceitemos o sistema de arranjar um novo alfabeto (por vezes ilegível, no seu convencionalismo, para os próprios arabistas), teremos, necessariamente, dada a pobreza do alfabeto latino, de socorrer-nos de um outro alfabeto europeu, bem conhecido das pessoas cultas, aquelas a quem interessa a questão: o alfabeto grego, que contém certas letras que traduzem melhor os fonemas estranhos ao alfabeto latino existentes no árabe. Para as letras enfáticas ou de pronúncia irrepresentável, prefere-se, salvo o uso do Δ grego, a própria letra da transcrição, em itálico ou sublinhada. O leitor leigo, ao ver uma letra assim grafada, logo pensará que a sua pronúncia tem especialidade, mas que pode no entanto preferi-la na mesma forma que a letra transcrita.

Passemos à indicação do nosso sistema; os números das letras correspondem aos da tabela de David Lopes, como dissemos:

CONSOANTES

1. — $\overset{\circ}{\text{a}}$ (espírito brando grego), ex.: — ka'na (ele foi); aqui o espírito brando, como o álfe em árabe, não se pronuncia, mas faz alongar a vogal antecedente.
2. — b, B.
3. — t, T.

4. — *θ*, Θ (que soa como o *th* inglês de *thing*).
 5. — *j*, J (embora a sua pronúncia seja antes a inglesa — *dj* rápido — do que a portuguesa, que aliás muito se aproxima).

6. — *h*, H (a especialidade da pronúncia do *h*, é indicada pelos caracteres em itálico: é o som que se produz muitas vezes ao soprar nas mãos para as aquecer).

7. — *χ* (gutural, como o *j* espanhol, o *ch* alemão, etc.: só se emprega a minúscula grega porque a maiúscula se confunde com o *x* português ou latino).

8. — *d*, D.

9. — *δ*, Δ (pronúncia especial, mas aproximada do «*d*»: representamo-la pela letra grega, não porque esta haja a pronúncia referida, mas porque utilizamos o itálico na enfática, de n.º 15).

10. — *r*, R.

11. — *z*, Z.

12. — *ç*, Ç.

13. — *x*, X (de *xarope*, etc.)

14. — *ç*, Ç (e *c* e *C*, enfáticos: v. o n.º 12).

15. — *d*, D (enfático).

16. — *t*, T (enfático).

17. — *z*, Z (enfático).

18. — *ç* (espírito áspero grego, que se aproxima, como o *Knacklaut* alemão, do som árabe).

19. — *γ*, Γ (gutural; o *g* não tem sempre o som de *gue* em português, pois antes de *e* ou *i* soa *j*; por isso se elimina).

20. — *f*, F.

21. — *k*, K (gutural).

22. — *l*, L.

23. — *m*, M.

24. — *n*, N (na transliteração tem de admitir-se a forma *Hanbal*, que a transcrição, obediente ao idioma para que é feita, não admite: v. supra).

25. — *h*, H (aspiração simples; no fim das palavras, constituindo o chamado *t marbuto*, não se lê, salvo começando por vogal a palavra imediata, à qual se liga; representa-se portanto ^t em expoente, impronunciável, excepto nesse caso, em que passa a ser *t*. Quando não se lê pode eliminar-se da transliteração).

26. — *u*, U (consoante).

27. — *y*, Y (consoante).

VOGAIS

28. — a (correspondente também a *e*) é a *fatha*. Dobrada (*tanuine*, final): *an*, itálico, para se notar a especialidade do *n*.

29. — i (correspondente também a *e*) é a *cácerá*, dobrada: *in*.

30. — u (correspondente também a *o*) a *dama*, dobrada: *un*.

SINAIS GRÁFICOS

31. — A *hâmeza* é afinal um *aine*, letra 18.^a, e representa-se como este em árabe, só em expoente, isto é como diacrítico; assim parece indicado representá-la também pelo espírito áspero *c*. Uma diferença de tipos, de que não dispomos, poderia distingui-la da letra 18.^a.

32. — A elisão de vogal representada pela *uácela* em árabe, traduz-se pelo apóstrofe, perfeitamente, sendo conveniente que se distinga bem do espírito brando. Os restantes sinais dispensam-se.

EXEMPLOS

Ua-ka'na (Yaçuu'u) yuçalliy fiy ba'di' 'lmaua'di'.

Madiyna^t (árabe vulgar); Madiynatun (árabe clássico); Madiynat an-Nabiy.

Quurdatun.

çaya't.

Para não enfastiar o leitor, não multiplicamos os exemplos.

O sistema indicado é facilmente adaptável a qualquer país que use o alfabeto latino, tendo-se em atenção a pronúncia deste.

Pessoalmente já o usamos (1), e também um ilustre arabista, que perfilhou as nossas ideias a este respeito (2). Os dicionaristas e filólogos, a nosso ver, só poderão aproveitar com ele.

(1) Baldios, maninhos e exploração silbo-pastoril em comum, in SCIENTIA IVRIDICA, III, pág. 139, nota 60.

(2) ANTÓNIO LOSA, A filologia ao serviço do direito — Em torno da palavra «baldio», *ibid.*, págs. 420 e segs.